



O protesto foi a primeira reação organizada dos alunos, este ano, à crise que poderá limitar o atendimento do Hospital Universitário ao público e comprometer a formação de médicos na cidade

Nas ruas em defesa do HUB

Estudantes pedem ajuda para o hospital da UnB, que tem vários setores ameaçados de fechamento, principalmente o pronto-socorro

Ricardo Mendes
Da equipe do Correio

Um grupo de aproximadamente 50 estudantes de Medicina levou faixas e panfletos à L2 Norte, ontem. Chamava a atenção das pessoas que passavam para a ameaça de fechamento de setores do Hospital Universitário de Brasília (HUB). O protesto, na hora do almoço, foi a primeira reação organizada dos alunos, este ano, à crise que poderá limitar o atendimento do HUB ao público, com o fim do Pronto-Socorro (PS), e comprometer a formação de médicos na cidade, pois a maioria dos alunos não teria mais onde exercitar os passos iniciais da profissão.

“O Ministério da Educação exige que os estudantes em residência médica passem um período em pronto-socorro, por isso o fechamento do PS do Hospital Universitário pode fazer com que o ministério descredencie o nosso curso de residência”, explica Lênio Pascoal, 26 anos, um dos coordenadores da Associação de Médicos Residentes.

Hoje, também no horário de almoço, os estudantes estarão entre o Conic e o Conjunto Nacional. Vão medir a pressão arterial dos pedestres e distribuir mais panfletos. Amanhã, eles pretendem paralisar as atividades que desempenham no hospital durante a manhã para fazer nova manifestação. Dessa vez, na Praça do Buriti, onde pedirão audiência com o governador Joaquim Roriz.

Há duas semanas, o reitor da Universidade de Brasília (UnB), Lauro Morhy, definiu como “insustentável” a situação financeira do HUB e anunciou que, sem socorro financeiro, fecharia o Pronto-Socorro, a Oncologia, a Odontologia e o atendimento pré-natal.

Os estudantes alardearam ontem a possibilidade de o Pronto-

Socorro fechar a partir de 2 de março. A Reitoria não fixa datas, mas confirma que o fechamento desse e de outros setores é iminente. “Estamos chegando a uma precariedade de material que tornará irresponsável a continuidade no atendimento à população”, define o vice-reitor, Timothy Mulholland.

De acordo com o diretor do HUB, Elias Tavares, a instituição precisa de R\$ 1,25 milhão para cobrir os gastos mensais, bem menos que os R\$ 830 mil (em média) repassados pelo Ministério da Saúde por meio do Sistema Único de Saúde (SUS). O dinheiro é insuficiente para cobrir as 1.100 internações, 60 mil atendimentos e 35 mil exames complementares feitos mensalmente pela instituição. Apesar disso, os repasses do SUS ainda têm de pagar os salários de servidores contratados pelo hospital. Em março, com o aumento no preço dos remédios, o déficit mensal poderá chegar a R\$ 700 mil.

O quadro vem piorando desde outubro, quando foram cortados os repasses referentes aos chamados Procedimentos de Atenção Básica (PAB) — que incluem atendimento pré-natal, odontológico e de clínica médica. Isso representou uma redução de R\$ 300 mil na receita mensal do HUB.

Para remediar o problema, Morhy tem negociado com os ministérios da Saúde e da Educação. Apesar de a solução do rombo depender mais do governo federal e seus critérios de remuneração aos hospitais universitários, o reitor também tem o que negociar com o governador Joaquim Roriz: ele quer aumentar a fatia do HUB no bolo que o SUS repassa ao Distrito Federal.

Lauro Morhy pleiteia também anistia para R\$ 3 milhões em contas não pagas de água e luz. O reitor espera a resposta para um pedido de audiência com o governador.